



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KARIN INGRID SÜFFERT DE CORDAL

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-29

Entrevistado: Karin Ingrid Süffert de Cordal

Nascimento: 16/02/1936

Local da entrevista: Residência da entrevistada – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Ester Rodrigues Leão

Data da entrevista: 18/03/2003

Transcrição: Ester Rodrigues Leão

Conferência Fidelidade: Karine Dalsin

Copidesque: Luanda Dutra

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (02 fitas) 29/01-A, 29/01-B e 29/02-A

Total de gravação: 85 minutos

Páginas Digitadas: 29

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0886/2004/01

Número de registro da fita: 0886/2004/01 a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CORDAL, Karin Ingrid Süffert de. *Karin de Cordal (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

O início do seu envolvimento com o esporte; o atletismo na SOGIPA; sua carreira no voleibol; o apoio da família; a educação física escolar e a estruturação das aulas; relato de sua experiência como professora de educação física; considerações sobre a educação física através do tempo; as dificuldades encontradas para praticar esportes; a vida social e as atividades de lazer marcantes em sua infância e adolescência; a participação de federações na organização do esporte em Porto Alegre; as primeiras competições de atletismo; observações quando a prática de esportes por mulheres; as vestimentas para prática de atividades físicas; sua participação no esporte universitário; o envolvimento com o esporte master; sua opinião sobre as mudanças ocorridas no esporte desde o início de sua vida esportiva; considerações sobre mídia e esporte.

Porto Alegre, 18 de março de 2003. Entrevista com Karin Ingrid Süffert de Cordal, a cargo das entrevistadoras Ester Rodrigues Leão e Karine Dalsin para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Karin, eu gostaria de começar a entrevista pedindo para que tu nos falasses um pouco sobre a tua história de vida em relação ao esporte.

K.C. – Bom, eu comecei a fazer esporte desde menina na SOGIPA¹. Nós éramos... Meu pai e minha mãe eram sócios, minha mãe, já desde menina, fazia no Turnerbund, que era antigo nome da SOGIPA. E eu ia numa aula de atletismo, com o professor Früstockel², que era aos sábados à uma hora da tarde, então era maravilhosa. [riso] A gente ia correndo lá, fazia uma hora de atletismo, e foi com quem eu mesmo comecei o esporte, foi com o atletismo. Eu sei que, com onze anos. Eu competi pela primeira vez; eu saltava altura e bati o recorde em salto em altura, numa época que eu não sabia nem o que que era recorde... No infantil que era naquela época, com essa idade. E daí, então, com isso eu comecei a me entusiasmar a fazer atletismo. Vôlei comecei a jogar no colégio, estudava no Farroupilha³ e o professor Karl Black foi um dos que trouxe o esporte para o Rio Grande do Sul - o pai dele - então era gente de esporte e da SOGIPA. Mas eu comecei a jogar vôlei mesmo foi no União⁴, com o professor Capra⁵ que era um professor lá do colégio dos meninos. Ele começou a preparar o nosso time e resolveu fazer... Ele era professor de natação também; comecei também nadando no União com ele, ele me ensinou a nadar. Só que eu não conseguia competir porque, sempre na época das competições, meu pai me levava para a praia. Que naquela época se competia só no verão. Então o vôlei eu comecei com catorze anos, no União, num time que era quase todo do Colégio Farroupilha; a Diva⁶, também jogava lá, mas a Diva tinha treze e como os jogos eram à noite, não se podia jogar de noite! Então às vezes a gente levava ela; não tinha idade e jogava [riso], mas ela não podia, treze anos era menor, era de menor e não podia. Então nós jogamos esse ano e perdemos mais ou menos todas, só ganhamos de um time que era de juventude [riso]. Era

¹ Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

² Hans Früstockel.

³ Colégio Farroupilha.

⁴ Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

⁵ Armando Capra

um time de colégio que participava... Eu me lembro assim que o meu ideal de vôlei foi em 52, nós vínhamos de um Campeonato Brasileiro que se realizou aqui em Porto Alegre⁷, lá no Colégio Batista, que lá era um ginásio que havia. O resto era tudo ao ar livre. E ali foi um Campeonato Brasileiro e aquilo... Aí eu fui lá ver e tinha a Elena Bins⁸ que jogava; que a Elena Bins era, assim, o *máximo*, foi meu ideal nessa época que eu comecei a jogar e me interessar pelo vôlei. No ano seguinte, o seu Jaul⁹, pai da Margot Ritter¹⁰, que era atleta da SOGIPA - uma das melhores atletas que já teve lá -, o pai dela começou a falar com o meu pai, que como é que eu jogava no União se eu era da SOGIPA. E então fizeram, fizeram, até que me trouxeram... Nessa época também havia tanto vôlei como atletismo, que era da Federação Atlética Riograndense¹¹. Então se tu jogavas, fazias atletismo por um clube, tu não podias jogar vôlei no outro porque tu eras filiada por aquele clube. Então queriam que eu fizesse atletismo e me trouxeram para a SOGIPA onde eu comecei a jogar no segundo time. Não era boa o suficiente para jogar no primeiro, mas... E naquela época a gente jogava “três-três”, que eram três levantadoras e três cortadoras, era dupla. Conta casada: se uma jogava mal, saíam as duas, porque tu tinhas a tua levantadora, [riso] então a gente... Aí eu comecei a treinar na SOGIPA, uma vez por semana porque para o meu pai, esporte que era de noite não era esporte. Esporte tinha que ser à luz do dia, essa coisa assim. O pai jogava punhobol na SOGIPA todos os domingos, ele, os irmãos dele, foram os primeiros que jogaram punhobol lá, então para ele, nível de esporte era de dia, nada de ir de noite. Fora que de noite menina não saía, né? E [riso] tinha uma tia que morava perto da SOGIPA, então ela convenceu o meu pai. “Deixa ela e ela dorme na minha casa”. Então ela me leva... Eu ia - já tinha quinze anos - eu ia até a SOGIPA, treinava lá e, como de noite eu e a minha prima íamos para a casa dela, eu dormia lá, no outro dia íamos para o Colégio aí eu comecei a jogar. E assim fui jogando, mas era esporádico, só podia uma vez por semana, jogava no segundo time, não era... Em - eu acho que em 56 - eu fui chamada para a Seleção Brasileira. Eu ainda jogava no segundo time. Não, Seleção Gaúcha! Seleção Gaúcha que era... Eu jogava naquele time e perguntei para o meu pai: “Pai, eu posso treinar?”. Ele disse: *Não!* Mas depois, sempre aquela minha tia lá [riso], convenceu ele que sim, só que aí houve uma reviravolta, trocou o técnico. Aquela Seleção, acho que foi em

⁶ Diva Santiago Correa.

⁷ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁸ Elena Bins Livi

⁹ Jaul Ritter.

¹⁰ Margot Martha Ritter da Costa

55, foi no ano seguinte e aí meu pai deixou e aí depois disso nunca mais perguntei se podia, eu só ia. Comecei a treinar no primeiro time da SOGIPA, eu comecei a treinar na Seleção Gaúcha, que era assim: um mês antes do campeonato a gente treinava e ia para o Campeonato. O primeiro Campeonato que eu ia era em Recife¹² e, no último treino, eu fui... Antes de começar o nosso treino, treinava as gurias, faltava uma, eu entrei para jogar, torci o pé e não pude ir. Então fiquei fora. É para falar tanto assim?

K.D. – Fica à vontade!

K.C. – [riso] E aí depois, em 58, eu fui a primeira vez. Eu já estava com vinte e dois anos, a primeira vez que eu fui para um Campeonato Brasileiro. Foi em Santos¹³, e naquele ano, eu e a Cristiane¹⁴ - uma colega - nós fomos chamadas para a Seleção Brasileira. Fomos treinar. Eu já estava na Escola de Educação Física¹⁵ nessa época. Os treinos foram em Minas Gerais¹⁶, foi um mês e meio, mais ou menos que a gente esteve lá treinando e o Campeonato foi aqui em Porto Alegre. A segunda vez que eu fui chamada para a Seleção foi no ano seguinte, foi em 59. E era para um Campeonato Pan-Americano em Chicago¹⁷. Só que houve um desentendimento aí. O telegrama não me alcançou, [tosse] não chegou para mim. Eles mandaram um telegrama que foi engavetado, ele foi para a Escola de Educação Física, que eu estava estudando lá e nas férias nós fomos para um Seminário em Belo Horizonte¹⁸ e quando - e era de ônibus... [riso] Eles deram um prêmio para primeiras colocadas, na coisa, e eu fui uma delas, das que foi. E minha irmã, que era minha colega, não foi. Quer dizer, se eu não fosse ela ia. Uma coisa assim, tá? Quando nós chegamos no Rio¹⁹, tinha um pessoal da Seleção esperando. E disseram: “Tu não vieste?” “Tu vieste para a Seleção?”. Eu disse: “Não, que Seleção?”. “Não, tu foste chamada para a Seleção e nós estamos esperando o pessoal que vai chegar hoje aqui”. Eu digo: “Não, eu não recebi. Eu estou vindo para um outro, para um curso, que eu já aceitei, não posso dizer que não porque teve gente que não foi porque eu fui e...” Fui chorando, [riso] cheguei em Belo

¹¹ Fundada em 06 de fevereiro de 1925.

¹² Cidade Brasileira

¹³ Cidade Brasileira

¹⁴ Cristiane Kunstamann.

¹⁵ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Estado Brasileiro

¹⁷ Cidade dos Estados Unidos

¹⁸ Cidade Brasileira

¹⁹ Rio de Janeiro, cidade Brasileira

Horizonte chorando! E quando eu voltei desse curso, quando começaram as aulas depois, estava o telegrama lá, mas eu já tinha perdido! E aí, no ano seguinte, eu casei e fui morar no Chile. Depois continuei jogando lá, os anos que eu morei - doze anos - sempre. Isso a minha história de vôlei competitivo, depois eu passei para as veteranas, porque naquela época mais de trinta quer dizer veterana; era mais de trinta ou se tu eras casada e tinha filhos antes disso! [riso]. É, então... Aí começamos a jogar nas veteranas e nesse nível já. Já tinha trinta e sete anos. Mas antes disso aí eu joguei no Chile também bastante. É, no ano anterior, não sei se foi 70, parece que foi 1970, eu ainda fui uma Taça dos Campeões no Peru, jogando pelo Chile. Sabe que o Chile era fraquinho, mas ainda fui, participei dessas coisas, então era isso. [riso]

K.D. – Queria te perguntar sobre os teus pais, o apoio que eles te davam e a influência deles pra ti seguir no esporte, qual foi?

K.C. – Sempre para eles o esporte era importante. Sempre foi, por tanto que eles me colocaram desde pequena, lá... A SOGIPA era a nossa casa. Mas o pai era muito, assim, menina não podia todas coisas. Eu comecei com o atletismo. Quando eu já comecei a me destacar mais no atletismo, isso já era com quinze, dezesseis anos, que eu... A gente já começava a treinar e eu só podia ir sábado e domingo. Por que aí tinha um grupo que ia. Nos outros dias eu *não* podia ir porque eu ia ficar sozinha com o treinador. Entende? Então eu convidava uma prima que eu tinha para fazer atletismo, umas colegas de *colégio*, quem eu pegava eu levava para fazer atletismo para eu não ir sozinha. E então tem uma [riso] série de gente que afina nunca foi atleta, mas que ia fazer para eu não ir sozinha. O pai sempre era um pouquinho mais... E a mãe sempre fazia força para gente poder fazer as coisas! “Mas deixa”, falava. E o pai dizia: “Tá, deixo. Mas tu que *diz*. Não, não fui eu que [riso] voltei atrás, tu deixa”. Então era uma coisa assim, o pai sempre era um pouquinho mais que isso pode, a família dele era mais assim e a família da mãe era mais liberal. A mãe fez esporte desde menina, também na SOGIPA, elas faziam ginástica. Não era esporte, era ginástica, elas tinham... Toda a visão de ginástica, na época da mãe, era uma visão mais... Como é que eu vou te dizer? Naquela coisa do esporte, lazer e um espírito da mentalidade esportiva, era mais isso.

K.D. – Bom, e a educação física escolar, como era na tua época?

K.C. – Bom, a educação física escolar, nós tínhamos... Eu fazia, eu estava no Colégio Farroupilha, que ficava onde hoje é o Plaza São Rafael²⁰. E a gente fazia ginástica na SOGIPA. Ginástica, assim dizia. Se chamava aula de ginástica, não era aula de educação física. E aí tinha o seu Black e a Dona Rina²¹, que eram os professores. A Dona Rina, ela dava aula de salto e vestido, botava o pessoal, assim, calistenia, calistênica: uma que era a guia e ela dava o exercício, fazia, e as outras atrás. O seu Black era mais moderno, ele dava aulas de ginástica rítmica, umas aulas assim: “róp, rôp, rôp, um e dois, e três e, rôp, rôp, rôp...”, umas aulas assim, que nós detestávamos, que nós gostávamos é de jogar. Então ele também dava vôlei, dava basquete... A gente tinha então... Mas era dividido. Tinha uma turma que era do seu Black e uma que era da Dona Rina. E quando tu estavas de castigo tu ias para a da Dona Rina. [riso] No começo do ano se dividia e as que tinham mais condições esportivas, que gostavam mais disso faziam uma e as outras faziam a outra. Isso era lá no Farroupilha. Era um Colégio já mais para... Feminino separado do masculino - como é lógico - inclusive lá, naquela época, a gente juntava duas turmas e a coisa era: enquanto uns tinham religião, os guris tinham religião, as meninas tinham ginástica e depois era vice-versa; os meninos tinham ginástica e as meninas tinham religião. E a gente ia caminhando até a SOGIPA, que ficava lá na Alberto Bins²² também, então tu saías, ias até lá, te arrumava, fazia ginástica e voltava para aula. Então era isso, devia ser pouco tempo, né?

K.D. – O “te arrumava” incluía trocar de roupa?

K.C. – Trocar de roupa. É botava, tirava a saia; em geral tu vinhas com as coisas por baixo e naquele dia tu já vinhas de tênis, deixava a saia lá, as coisas, que era saia que se usava, de pregas. [riso]

K.D. – Para fazer...

K.C. – Para fazer educação física e aí depois se lavava.

²⁰ Hotel situado na região central de Porto Alegre.

²¹ Nome sujeito à confirmação.

²² Rua do Centro de Porto Alegre

K.D. – E no conteúdo das aulas, tinha alguma coisa diferente no conteúdo das aulas das meninas e no conteúdo das aulas dos meninos?

K.C. – Não sei porque não era nem na mesma hora. Eram outros professores, era o seu Capra que dava. O Capra era mais de esporte! Mas eu, verdadeiramente... Como naquela época tu te interessavas em fazer e não te interessavas como os outros, eu não sei! Seu Black também dava algumas noções de *ginástica*, ele era professor de ginástica, ele era o que começou com a ginástica, o que se chama hoje de ginástica artística. Olímpica naquela época; então ele dava para nós coisas como andar na trave, fazer saltos no cavalo, algumas coisas bem simples, bem... Mas ele era um cara, ele também era professor da Escola de Educação Física de ginástica olímpica. Então ele puxava muito para isso.

K.D. – Tu crês que a Educação Física incentivava os alunos a buscar, se dedicar mais ao esporte?

K.C. – Tu sabes que eu trabalhei com Educação Física até 1999, em escola. E eu acho que a diferença era no aluno. Muito. Porque naquela época... Nunca vi alguém que não gostasse de Educação Física. Era assim, um momento de *glória* ir para lá fazer. O pessoal todo gostava! Depois, quando eu comecei a ser professora, eu senti aquela coisa assim... Eu me lembro que eu comecei a trabalhar eu ainda estava na - foi em 68 - eu estava ainda na Escola. Ah, quando tu ia botar o pessoal no chão para fazer um abdominal era um horror, as meninas, mas... Naquela época eles gostavam de jogos, a ginástica ninguém gostava. E hoje, como a concepção do aluno é muito para as meninas, é o corpo, a maioria não gosta de esporte; o que ela quer é mais aquela parte do corpo. É uma concepção diferente, a sociabilidade daquela época, com o interesse no teu melhoramento de hoje. É todo uma questão da pessoa. Fora que hoje em dia tem tantos apelos fora, que é muito difícil trabalhar em escola. Muito *difícil!* Porque tu recebes quarenta alunos, dos quais tem - para não se dizer quarenta - pelo menos vinte pessoas que querem coisas diferentes! Então atingir eles é muito difícil. Mas eu sempre gostei de trabalhar nisso! Achei ótimo, eu gostei, por isso trabalhei tanto tempo, de 68 a 99; são muitos anos.

K.D. – Através do esporte que tu optaste por fazer Educação Física?

K.C. – Sim, porque eu sempre gostei disso. Sempre gostei de ser professora para começar. De criança... Quando eu ia estudar, eu sentava as minhas bonecas e dava aula para elas. Eu tinha um quadro negro que eu escrevia. E depois com o esporte, eu fui para esse lado. Achava o *máximo*! Quando eu tive que usar óculos, na primeira série, eu adorei porque eu parecia a professora. E era só para ler [riso] eu andava no rosto [riso]. Então sabe, era uma coisa assim, que o professor naquela época era uma pessoa. Era um exemplo. Eu nunca vi meu pai dizer assim: “Tu tens razão”. O professor sempre tinha razão. Eu tinha feito alguma coisa. Então, sabe, era uma coisa... Não é como hoje que. “Tu fez isso pro meu filho, tu segurou ele pelo braço, tu...”, sabe? É uma coisa assim que vós não podes nem tocar. Mesmo que tu digas assim: “Vem pra cá”, “Não me toca!”, sabe? Então era toda uma concepção diferente de sociedade, de respeito, de tudo. E a gente tem que se adaptar, né? Tem que pensar diferente... Eu tentei bastante dar aulas dentro do método, desses métodos mais modernos em que o aluno cria, ajuda a criar a aula, mas é muito *difícil*! Muito difícil porque te dá um impressão de bagunça. [riso] E quando tu foste educada no sistema de “tudo certinho”. Tu chegavas na aula e já sabia que tinha fila pela altura, escola cobrir, direita volver, aquelas coisas assim. Que era um tipo de dar às pessoas, botar elas todas da mesma, [riso] da mesma maneira de pensar, né? E depois as coisas foram modificando, tu tens que te... E com os alunos tu aprendes muita coisa também. Tu aprendes como tratar, tu aprendes... E tu tens que mudar, e é legal! [riso]

K.D. – Tu vêes mais alguma influência do esporte na tua vida além da tua escolha profissional?

K.C. – Em tudo. [riso] Primeiro: eu casei através do esporte. Meu marido jogava na seleção chilena, eu na brasileira, nos conhecemos, casei e fui morar lá.

K.D. – Como vocês se conheceram?

K.C. – Nesse campeonato aqui em Porto Alegre. A gente se conheceu aqui e, aí começamos a se escrever “banlanlam”, e afinal ele veio, ficamos noivos, depois casei, fui para lá sem nunca... Sem conhecer mais que... Nós só nos vimos quando ele veio, depois uma vez eu fui e deu! Dois anos e aí, ó por carta! E aí fui morar lá. Se os meus filhos me fizessem isso eu ia morrer! Mas eu fiz e deu certo! [riso]

K.D. – Então suponho que tu não tenhas sofrido algum veto por parte do teu marido para que tu não jogasses mais vôlei...

K.C. – Não, não, ele sempre me deu força! Ele também jogava... No começo, quando eu cheguei no Chile, eu até jogava com os homens. [riso] Porque ele tinha um grupo e eu jogava com ele. Depois eu engravidei e comecei a jogar com as mulheres. Aí então, em 62, eu fui técnica da seleção chilena e depois eu trabalhei... Nessa época eu não trabalhei em colégio, eu trabalhei mais com treinamento. Até 68, quando aí entrei numa escola e comecei a trabalhar de novo em escola. Mas sempre metida com treinamento e coisas assim.

K.D. – Por que eu ouvi alguns depoimentos que era comum, quando a moça começava a namorar, que o namorado pedisse pra ela que não jogasse mais.

K.C. – Sim, sim...

K.D. - Que abandonasse...

K.C. - Isso não foi nunca o meu caso, o meu marido sempre me deu força. Quando eu trabalhava também aqui eu tinha... Depois, quando nós voltamos para o Brasil, e lá mesmo -como professor de educação física é metida em esporte - tu sempre tens sala. Tinha uma época que eu tinha três colégios, eu metia todos na competição: o estadual, dois colégios particulares, todo mundo eu levava para o jogo e meu marido sempre me acompanhava. Inclusive ele ficava assim: “*Faz isso, troca a seguinte, tem que fazer isso aqui!*” e ficava me... Sabe? Porque ele vibrava com isso. Como nós casamos, minha filha mais velha jogou na seleção brasileira, a Helga²³, ela foi atleta de Seleção Brasileira, então, também, por toda essa, por toda essa coisa que a gente viveu sempre no esporte.

K.D. – Na questão dessa restrição por parte dos namorados, teve amigas que tiveram isso?

K.C. – Sim, sim. Eu me lembro a Margot, na época da escola, ela tinha um namoradinho e nós tínhamos um jogo e a gente queria que ela jogasse que ela era boa. E aí ele nada. Nada,

nada, nada! E outro dia ainda falei com ele. Hoje em dia ele é um psicólogo, ele não acreditou. [riso] Mas eu disse: “Eu me lembro de ti, quando eu fui lá pra te dizer para tu deixar a Margot jogar”. E tu disseste para mim: “Ou ela ou eu!” E eu cheguei a me ajoelhar na tua frente e tu disseste: “Ou ela ou eu!” [riso] Então havia *sim*. Tinha uma outra amiga minha que jogava, Marlene²⁴, e o namorado ia espiar se ela estava jogando. Ela ia escondida porque ele não deixava. Era uma coisa muito assim. Mas eu nunca tive... Eu sempre tive... Porque o outro namorado que eu tive também era do esporte, quer dizer, sempre eu me conservei dentro do esporte e o esporte foi a minha vida. Verdadeiramente. Porque eu acho que eu, eu sou a mais velha de sete filhos e, dentro de um sistema meio germânico de educação, tu és um pouco insegura, e o esporte me deu segurança. [tosse] Foi quando eu senti que eu era boa em alguma coisa! Então eu era guria, de repente eu batia um recorde e todo mundo dizia: “Parabéns!” [tosse] - esta me dando tosse. Então isso me deu, assim, uma segurança e eu cheguei a conclusão, dentro da minha experiência de vida, [tosse] cheguei a conclusão que tu precisas ser boa em alguma coisa, qualquer uma, seja fazer tricô, seja fazer qualquer coisa. Quando eu comecei a estudar no Pastor Dohms²⁵, que era aqui Colégio Dom Pedro II - eu fui para o Farroupilha na quinta série, que naquela época era o curso de admissão- [tosse] e eu não me ajustei naquela turma! Eu não me ajustei! Era uma turma de meninas todas diferentes; eu era do esporte! E eu repeti aquele ano. Eu não consegui aprovar nada, não consegui fazer nada! E aí, no ano seguinte, eu me envolvi com uma turma de esporte e daí eu sempre fui uma pessoa ótima no colégio. Então, senti nisso, como é importante a gente se sentir que sabe fazer alguma coisa! Dentro, dentro de trabalhar no esporte eu sempre procurei encontrar isso nas pessoas. Que elas eram boas, não importa, tu não precisas ser boa no vôlei, mas tu és boa em *outra coisa!* Tu não precisas ser boa no atletismo, se tu fores boa na ginástica, se tu fores boa no “ballet”, se tu és boa para cantar, se tu és boa para desenhar, mas tu tens que descobrir uma coisa que tu saibas fazer e na qual tu te sintas alguém. Então o esporte foi isso para mim. Ele me levou toda a minha vida, tanto que os meus filhos, de pequenos, meus netos estão no mesmo caminho. [riso] Os mais velhos já estão jogando vôlei na SOGIPA, punhobol e essas coisas assim. Têm treze e onze anos. Os pequeninhos estão todos no Projeto Criança²⁶. É uma família que vive o esporte! E outra coisa interessante: a Margot e eu

²³ Helga Cordal Sasso.

²⁴ Marlene César Richter.

²⁵ Colégio Pastor Dohms.

²⁶ Projeto desenvolvido na SOGIPA.

somos da mesma época. A gente disputava bastante o salto em altura e ela me ganhava. Não sempre, às vezes eu ganhava dela e isso era uma vitória para mim. Mas ela, o pai dela, ele era uma pessoa que levava ela para a SOGIPA, acompanhava ela, fazia ela treinar e eu *invejava* muito porque o meu pai me segurava. Eu ia sábado e domingo, ou um ou outro e podia treinar, e saltava, e, com a condição que eu tinha que era bastante, mas eu nunca pude treinar nisso aí, como os outros. Porque o meu pai dizia: “Não, o estudo é importante, isso é importante, tu não podes se dedicar só a uma coisa”. E ajudar em casa também era muito importante. [riso] E falando com a Margot mais tarde, agora, uns três, quatro anos atrás, eu disse para ela: “Te invejava tanto porque o teu pai te ajudava com isso”. E ela disse: “E eu te invejava porque o teu pai não se metia”. [riso] Então, tu vês como as coisas são, o enfoque, né? [riso] Foi outra coisa que eu aprendi! [riso]

K.D. – Quando tu falas de ajudar em casa, ao que tu te referes?

K.C. – Ajudar a mãe, lavar a louça, nós tínhamos muita coisa: *cerzir* meias... [riso] Quando eu estava lendo alguma coisa, romances, minha mãe dizia: “Não estás fazendo nada, vai *cerzir* meias”. Era uma caixa azul assim, *cheia de meia*, e eu ficava lá *cerzindo*. Ajudar a costurar, regar as plantas. Nossa casa tinha -, ainda tem, a casa da mãe - era um terreno muito grande, então eu tinha que regar as plantas debaixo e o meu irmão de cima, os mais velhos. Então eram as coisas que tinham! Sábados tinha que varrer as folhas e coisas assim que tu tinhas que fazer em casa!

K.D. – E a relação disso com o esporte? Que o teu pai fazia?

K.C. – É que o meu pai gostava muito que a gente trabalhasse. Então a gente ia treinar para fugir disso também, né? [riso] Porque se tu estavas em casa teu pai estava te mandando fazer alguma coisa. Então, no começo, eu ia para a SOGIPA para... “Tenho treino!” [riso].

K.D. – Isso era igual contigo e com os teus irmãos?

K.C. – É, mas assim: nem todos os meus irmãos foram tanto do esporte como eu e o Claus George²⁷, que éramos os mais velhos. Somos três professores de educação física e uma arquiteta, das mulheres. Os maridos... Os gurus são dois engenheiros e um é arquiteto também. Mas eu, que era a mais velha, que sempre tinha mais trabalho porque tinha todos aqueles irmãos para cuidar e eu achava um *saco*; eu não era disso! Eu gostava de ler e gostava de fazer esporte. Então, como ler, me tiravam, porque me viam lendo e faziam... Tanto que eu aprendi tricô para poder ler. Eu pegava um *livro* e fazia tricô lendo. Então minha mãe me deixava fazer porque eu estava fazendo tricô. Que não era livro de estudo, era romance, essas coisas que uma menina gosta. Naquela época não tinha televisão, não tinha nada, então, eram essas coisas que a gente fazia.

K.D. – E a tua vida social, como é que...

K.C. – A gente ia em bailes da SOGIPA.

K.D. – Em torno do clube?

K.C. – Em torno do clube. Não existia outra coisa fora. A gente ia com pais ou com tios. Ia na SOGIPA, o 25 de Julho²⁸ também a gente foi naquela época toda. Uma coisa: no Navegantes São João²⁹, às vezes tinha festas. Então era um baile por mês, vamos dizer assim. E outra coisa que a gente fazia muito era ir no cinema! Ir na matiné. Eu me lembro que eu tinha que lavar as louças de casa, porque domingo... Meu pai era muito assim: a mãe não trabalha domingo, ela faz o almoço, mas vocês... Não, mentira! Nós tínhamos empregada sábado e domingo, porque naquela época as empregadas iam só sábado, domingo de tarde. Então meu pai dizia: “Vocês tem que secar a louça para ela, para ela poder sair cedo”. E eu me lembro que dava um montão de balas assim, que era a maioria das balas era para a empregada e nós dividíamos o resto. E dizia: “Elas tem uma vida dura e vocês não fazem nada”. Então era uma coisa nesse pensamento. Aí nós tínhamos que secar a louça e domingo era mais comprido o almoço aí nós saíamos *correndo* para o

²⁷ Claus George Suffet.

²⁸ Clube 25 de Julho.

²⁹ Sociedade Ginástica Navegantes-São João - Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi,

cinema e sempre chegava para sentar na primeira fila porque era tarde já, e era o programa que a gente fazia. Ou ir para o clube. Mas não existiam outras coisas. Quando a gente tinha catorze, quinze, dezesseis, na época da faculdade, aí a gente já... Mas não, era tudo envolvido com esporte! Tudo!

K.D. – No caso vocês fossem para o clube, vocês iam...

K.C. – É, ir para o clube, ou para a ESEF³⁰, ou a gente tinha jogos ou treino aqui, treino lá, sempre essas coisas! A outra coisa que eu fazia era cantar, nós cantávamos... Naquela época, também partia do clube, existia o Clube Haydn,³¹ na SOGIPA, que era uma orquestra. Então eles faziam operetas e a gente cantava no coral do colégio e no coral das operetas, apresentava operetas no Teatro São Pedro, então era uma coisa assim que a gente também gostava de fazer. Cantar em coral, essas coisas também era uma coisa legal que a gente fazia naquela época.

K.D. – Dentro do início das competições, das tuas primeiras competições, era a Federação que organizava?

K.C. – A Federação Atlética Riograndense. Tanto o vôlei como o atletismo. O atletismo era... Existia assim: não existia mirim; era infantil e juvenil. O infantil era de onze a treze e juvenil - *que sei eu* - catorze, quinze anos. Depois era adulta. Quando tu eras adulta tinha competições assim: estreantes, principiantes, novíssimos, júnior e sênior. Eram categorias. E depois era qualquer classe. Então eram competições assim... E essas não eram por idades, eram por vitória: depois de duas vitórias tu passavas para outra categoria, depois de quatro vitórias tu eras de outra categoria; dependendo de quantas vitórias tu tinhas tu passava para uma categoria maior. Eu achava isso muito legal porque dava chance de muita gente... Tu começavas como estreante e aí tu tinhas... E depois tinha competições de qualquer classe que todo mundo...

posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

³⁰ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³¹ Sociedade de Concertos Sinfônicos Club Haydn, fundada em 20 de fevereiro de 1897 e incorporada a SOGIPA em 1957.

[FINAL DA FITA 29/01-A]

K.D. – Karin, nós falávamos da participação feminina nas competições de atletismo...

K.C. – Existiam... Quando eu era criança, que a gente joga fazia era uma competição por ano, do infantil essa e juvenil. Participava a SOGIPA, o Renner³², que tinha uma equipe, o Navegantes - São João. E o Navegantes São João e o Renner, um ano era um outro ano era outro, eram sempre as mesmas pessoas. E a Fundação Evangélica de Novo Hamburgo.³³ Que eram as pessoas... Depois mais tarde ficou, quando já eram os adultos mais de quinze anos que tinha muitas competições, aí era o Grêmio³⁴, que tinha uma equipe forte, a SOGIPA e o Navegantes São João. E havia muita disputa entre a SOGIPA e Grêmio. Inclusive aí, o atletismo se tornava um esporte menos individual porque valia muita pontuação, então tu entravas para fazer pontos. Eu era saltadora, daí fazia saltos, fazia corridas, até fazia arremesso para tirar um quinto ou sexto lugar porque fazia pontos para ganhar o campeonato. E houve uma época que, fora disso, existiam os Jogos Abertos Femininos³⁵. Os Jogos Abertos Femininos eram patrocinados pela Poliesportiva³⁶. Tu já ouviste falar deles? Aquilo era uma coisa sensacional! Eu tenho aí, depois eu vou te mostrar nas fotos de como ficava a SOGIPA naquela ocasião. Era uma coisa sensacional e tu não precisavas participar no clube do qual tu eras filiado, porque era... Então a gente convidava de um lado de outro, gente, era... Todo mundo participava! E participava em variedade. A gente ia e fazia lance livre, tinha competição de arco e flecha; punhobol não tinha feminino e a gente jogava feminino, era todos os esportes! Todos era uma semana assim, de loucura. Remo, e era só mulher! Então era um esporte que as mulheres não faziam, mas que faziam ali. E era mais brincadeira porque tu nunca tinhas remado, mas tu ias remar. Então tu fazias todas as coisas impossíveis, era tipo de uma aventura, e era muito legal! *Muito, muito, muito e muito legal!*

³² Grêmio Esportivo Renner. Fundação em 27/07/1931, extinto em 1958.

³³ Fundada em 1886.

³⁴ Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

³⁵ Promovidos pelo jornal “A Folha da Tarde” a primeira edição dos Jogos Abertos Femininos aconteceu em 1954.

³⁶ Após pesquisa em jornais da época verificamos serem, os Jogos Abertos Femininos, patrocinados pelo vespertino Folha Esportiva.

K.D. – Não tinham algumas modalidades esportivas que fossem mais consideradas mais adequadas para mulher, que houvesse mais estímulo para que elas praticassem?

K.C. – Olha, naquela época, eu sabia que tinha a ginástica olímpica, o vôlei e o atletismo. Eu não me lembro de outra coisa que se praticasse. A ginástica... a GRD³⁷, foi mais tarde já, aí pelos anos cinqüenta e... 56, por aí, que começou, com um grupo que tinha no Rio, da Ilona Peuker, não sei se vocês já ouviram falar. Isso era um grupo... Eu sei porque tenho uma prima que participa nisso. Ilona Peuker uma - se escreve “P-E-U-K-E-R” com “K” - ela era uma húngara que veio para o Brasil e dava aula na Escola de Educação Física do Rio³⁸ e ela começou com um grupo de GRD, que ia nas Ginastradas³⁹ e o grupo era muito bom. E desse grupo existe hoje ainda, a minha prima essa⁴⁰, ela é, nesse momento, a treinadora. Ela é professora de Educação Física, ela deu cursos por todo o Brasil cursos sobre a GRD, foi uma das que incrementou, e ela agora está treinando um grupo de senhoras que são de trinta a oitenta anos, num grupo de GRD e elas vão participar de uma ginastrada agora em Portugal⁴¹. Já foram, é a segunda vez que elas vão, diz que é sensacional o grupo delas, eu já assisti em São Paulo⁴². É que a GRD, ela não é tão... Como hoje em dia, ela parece circo, é mais de habilidade como os implementos, com o arco, com a maçã, com todas essas coisas, então, elas têm muita habilidade, elas... É uma coisa muito bonita, é um trabalho em conjunto.

K.D. – Eu te pergunto isso, pela questão de esportes como o futebol, futsal...

K.C. – Não, futebol era de homem, não, *Argh! Que nojo!* Basquete começou a aparecer aí pelos anos - não sei - 55, 56. Eu não joguei porque já tinha que lutar para fazer as duas, senão era demais também. Mas as gurias que jogavam comigo jogavam basquete também. Eu sei que uma vez, um dos primeiros jogos de basquete que eu fui assistir, o resultado foi quatro a dois. [riso] Eram duas equipes jogando, quatro a dois! [risos] Mas era isso, né? Eu sei que eu estava no colégio e eu também participei uma vez de um jogo de basquete, mas

³⁷ Ginástica Rítmica Desportiva.

³⁸ Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³⁹ Evento oficial de Ginástica Geral organizado pela Federação Internacional de Ginástica. Acontece a cada quatro anos e caracteriza-se por ser um festival de ginástica não competitiva onde cada grupo, de todas as idades e condições físicas, apresenta sua coreografia.

⁴⁰ Inge Muller, residente no Rio de Janeiro.

⁴¹ 12ª Ginastrada Mundial, aconteceu na cidade de Lisboa no ano de 2003.

eu não gostava muito. Mas era tipo... Porque esse negócio de contato era... Mas começou mais tarde o basquete.

K.D. - Na questão dos esportes de contato...

K.C. - De contato não tinha muito. Handebol começou... Handebol aqui, eu sei que eu estava... Me formei na educação física em 59 e nós tivemos uma aula de handebol, como demonstrativo que existia. Aí eu fui para o Chile. No Chile não se jogava. Quando eu voltei o handebol aqui já se jogava, já era um esporte.

K.D. - A questão do contato era independente se era uma modalidade feminina ou masculina?

K.C. - Sim, era a mesma, as regras eram as mesmas. Isso que tu queres dizer, né?

K.D. - É, pela questão que tu disseste, do basquetebol ser um esporte de contato...

K.C. - É, porque não tinha uma rede no meio. Tênis também se jogava naquela época. Tênis era um esporte já, mas não era por isso. É da tua pessoa, né? Eu acho que o tu gostares de um esporte que tem uma rede no meio, que tu jogas, ninguém vai te levar, pegas boladas, mas ninguém vai te dar um empurrão, principalmente entre as meninas. Era isso! O basquete a gente via mais como um esporte mais masculino, porque tem empurrão, tem soco, tem tudo. Cotovelada, todas essas coisas, então, tinha gente - e eu era uma dessas pessoas - que não gostava disso. Fora que eu era uma magricela e ia sempre levar a pior. [risos].

K.D. - A questão do decreto lei, em 41⁴³... Teve um decreto lei que proibia para as mulheres o futebol, futsal, lutas, o pólo, o halterofilismo e o beisebol. Tinhas conhecimento dessa lei?

⁴² Cidade Brasileira

⁴³ Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

K.C. - Olha, não, não tinha conhecimento da lei, pode ser que a gente até aprendeu, mas não deu muita bola. [riso] Porque a gente não tinha intenção de jogar outra coisa, porque a gente estava tão feliz com o que a gente fazia. Eu não sentia essa assim, inibição por não poder fazer outra coisa, não tinha...

K.D. - Ela durou até 75...

K.C. - Bah... Não, não sabia...

K.D. - Eu te pergunto isso para saber...

K.C. - Não era uma coisa que a gente quisesse fazer uma coisa que não se podia, entende?

K.D. - A gente lê isso nos livros, mas não tinha noção do quanto isso repercutiu realmente.

K.C. - Isso talvez a minha prima possa te dizer alguma coisa, mas também não sei, as pessoas eram educadas de uma maneira assim tão mais de - não me lembro da palavra que a gente [riso] diz para isso - mas, quer dizer, não me cai agora, mas era uma coisa... As coisas se podiam, se podiam, tu não ias buscar uma coisa diferente, né? A coisa diferente era poder participar. Já não era participar de outra coisa. Eu até pedi para o meu pai para fazer basquete e ele disse: “Não, chega. Tu já está metida em coisa demais!”. Que eu fazia natação no verão e atletismo, então, não tinha tempo. “Ah, vai ajudar em casa!”. Inclusive, nessa época, eu fiz Educação Física porque meu pai, quando eu terminei o científico, ele disse assim: “Chega! Agora vocês vão ajudar em casa!”. E eu tinha aquela minha tia, [riso] que telefonou para nós e disse: “Olha, tem uma segunda época na Educação Física, por que vocês não vão?” e falou com o meu pai. Aí o pai disse: “Mas você... Tá, mas eu não faço um papel, nada para vocês, vocês se virem!”. E aí nós fizemos e passamos e entramos para a Escola. Mas as minhas primas elas estudaram economia doméstica! Este é um chimarrão que vocês não conhecem! [risos e alguns barulhos]

K.D. - Como eram os teus uniformes de competição no atletismo? Por que a Educação Física eu já sei que era de saia, né?

K.C. - Não, não era. No Farrroupilha era de calção...

K.D. - Ah, era de calção...

K.C. - Era de calção e camiseta. A gente nunca teve isso. Mas eu sei que quando a gente jogava com o Bom Conselho⁴⁴ - colégio de freiras - as *coitadas*, usavam uma bombacha até debaixo do joelho ou de saia. E quando eu estava na universidade, nós fomos... Nós íamos à campeonatos universitários, tinha bastante!

K.D. - Tu queres tomar? [Karin passa o chimarrão]

K.C. - Não, tomas tu! Tinha bastante. E nós fomos para Santa Maria⁴⁵, no campeonato universitário que tinha lá, e estávamos num colégio de freiras. E eu sei que era internato e a gente ficava *lá no último, no último*; tinha que passar por todo o colégio para sair. E aí, no outro dia que nós estávamos ali, saiu uma coisa, um papel que estava escrito, um cartaz, que dizia assim: “É proibido dentro da escola andar de pescador, “*eslaque*”, que se chamava as calças. Nós tínhamos levado dois casacões, todo mundo, para sair do colégio: arregaçava as calças, botava o casacão, saíam duas, uma voltava com o casacão, saíam outras duas e assim a gente saía, porque não podia usar aquilo dentro da escola! [riso] Era muito engraçado! Eram coisas que tu te sujeitavas! Aí então fomos treinar dentro da escola. Aí não podia treinar de calção. Claro, de jeito nenhum, as freiras não deixavam. Então, todas tinham que botar saias. Mas nós, como éramos meio assim, então nós pedimos saias, nós não tínhamos levado saias. No campeonato a gente usava eslaque e abrigo, não usava... Na cidade tu não usavas nunca isso, mas no campeonato tu estavas fora da tua cidade e tu fazias as tuas coisas. Então nós não tínhamos levado saia e então nós pedimos para as internas. Mas de sacanagem as que eram mais baixinhas pediram saias compridas e as outras pediram das pequeninhas, então era aquela coisa, umas saias nada que ver, então tu saltavas e levanta aparecia a bunda [risos], tu te atiravas no chão a saia ia... Mas a gente jogou de saia; foi uma coisa, assim, mas não podia.

K.D. - Por que a questão de não gostarem das calças?

⁴⁴ Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.

⁴⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

K.C. - Era uma coisa de mudança, a *mulher não usava calça!* A gente até fazia, por exemplo, tu ias veranejar na praia e tu usavas calça, tu usavas coisa, essas coisas. Inclusive, abrigo, eu vou te dizer uma coisa: para ir trabalhar, eu ia de saia ou de calça, abrigo tu não usavas na rua! Em 72, eu estava morando - não, em 72 não. 72 eu estava no Chile. Em 75, que eu estava morando no Chile - não, em Alegrete⁴⁶ - foi a primeira vez que eu fui para o colégio de abrigo, sem ter que trocar de roupa! Porque tu ias para lá trocava de roupa, dava aula, trocava de roupa. Eu trabalhei um tempo - logo que eu me formei - em São Leopoldo⁴⁷. Eu pegava o ônibus a meia hora, ia até São Leopoldo, dava aula na Escola Normal Evangélica⁴⁸, duas aulas, chegava lá trocava de roupa, botava o abrigo, dava duas aulas, tirava o abrigo, ia para o Sinodal⁴⁹ [riso], dava mais duas aulas, botava a roupa, tirava a roupa e voltava para Porto Alegre. E tu não andavas com isso na rua porque era mal visto, era outra maneira de viver! Outra maneira de se vestir, outra maneira de tudo! [riso]

K.D. - O esporte universitário tu participaste?

K.C. - Sim, bastante. Tinha... Nós fomos a campeonatos brasileiros e a campeonatos estaduais que havia também, nós fomos. E era um negócio, *era muito legal!* E aí era legal porque tu ias e tu fazias coisas que tu não fazias aqui. Tu ias jogar, tu estavas na cidade, em geral não era com o técnico, era só a gente, o grupo de universitários que ia. E a gente também não treinava antes, a gente se reunia e ia. Em geral, era só gente da Educação Física, tinha uma ou duas de uma outra faculdade, mas era só gente da Educação Física. Nós fomos uma vez para Pelotas⁵⁰, e a gente foi numa *corveta de guerra*⁵¹! *Bah, era assim...* Eu me lembro nós na aula e dizendo: “*Bah, nós vamos para lá de Corveta de guerra, que legal!*” Quando aquela corveta de guerra [riso] entrou na Lagoa dos Patos era todo mundo vomitando! *Ninguém* se escapou! Que aquilo ia assim e assim, mas chegou todo mundo branco, um horror, e depois ainda tinha que voltar de corveta de guerra, nós não quer[íamos nem ouvir falar! [riso] A gente ficou lá num... Era um colégio de freiras,

⁴⁶ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁷ Município próximo à Porto Alegre.

⁴⁸ Fundada em 1824 com o início da imigração alemã no Rio Grande do Sul. A sede de São Leopoldo foi fundada em 1926.

⁴⁹ Escola de Ensino Médio Sinodal.

⁵⁰ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵¹ Corveta “Bahiana” pertencente a Marinha de Guerra.

não sei se era um internato de freiras. Então, tinha um quarto que era nosso e a gente tinha que estar às dez horas dentro, dentro do internato. Mas como era campeonato universitário tinha *mil festas!* Então as gurias todas, *todas* as delegações saíam pela janela do nosso quarto que dava para a rua. Então todas elas saíam e voltavam pela janela do nosso quarto, até que um dia a freira nos pegou, né? Daí deu... [riso] Mas era assim, aí tu saías, tu fazias festa, não era nada de mau, tu ias dançar, ia conversar, mas tu não ias para a cama! Às dez horas, como elas queriam! [risos]

K.D. - Em 63 quando teve a Universiade⁵² aqui...

K.C. - Aí eu morava no Chile.

K.D. - Tu moravas no Chile. Teve alguma notícia da Universiade, acompanhaste?

K.C. - Sim, sim. Teve um grupo de lá que veio; eu estava grávida, nessa época, não participei, mas teve um grupo de lá que veio, que adorou, mas eu não... Porque naquela época era mais difícil de vir para cá. Tu pensares em sair de avião era uma coisa assim... Não era como hoje que a gente viaja para lá e para cá, era uma coisa maior! Telefone também, tu não podias telefonar a toda hora, não era uma coisa assim... Era tão diferente! Eu não podia telefonar para a minha mãe a hora que eu quisesse! A gente escrevia cartas!

K.D. - Quantos filhos tu tiveste mesmo?

K.C. - Quatro. Quatro filhos, todos nasceram no Chile.

K.D. - E quando tu vieste morar no Brasil?

K.C. - 93. Ah! 73! [riso] 73.

K.D. - Aí tu voltaste a ter envolvimento com o esporte aqui?

K.C. - Sim. Aí eu comecei a jogar nas veteranas, na SOGIPA. Eu tinha recém tido o meu filho mais moço, ele estava com três meses. Eu me lembro que eu levava ele, deixava no vestiário, ia jogar, quando tinha que dar de mamar, ia dar de mamar e voltava a jogar [riso] e a moça que cuidava lá cuidava dele. E aí eu comecei a ir... Mas aí, quando o meu marido veio, meu cunhado, que morava em Alegrete, convidou a gente para começar trabalhando lá, com ele. Por que era difícil para o meu marido começar aqui em Porto Alegre e a gente saiu porque, naquela época teve a época que o Allende⁵³ foi presidente e houve uma... Estava muito difícil. Tu não conseguias nada! Eu tinha tido o meu quarto filho, tu tinhas que parar na fila para conseguir qualquer coisa, não havia *nada* nas prateleiras para comprar. A gente no supermercado, tu entravas, o supermercado era vazio. Aí tu entravas em filas, por exemplo, para conseguir duzentos e cinquenta gramas de azeite parava duas horas na fila! Quando tu chegavas já não tinha mais azeite, mas tinha “Omo”⁵⁴, aí tu compravas “Omo”. Sabe? Era uma coisa assim... Aí eu vim passar as férias aqui e era a época do milagre brasileiro. Bah! Tinha de tudo, era *maravilhoso!* Eu digo: “Ah, não! Vamos vir morar aqui!”. E aí então meu marido desfez os negócios lá e nós viemos aqui. Então aí a gente foi morar em Alegrete. Aí Alegrete eu não queria ir. “*Vou me enterrar no interior, não vou poder mais jogar vôlei!*”, era terrível para mim! Mas foi ótimo estar lá, aí eu tinha... Eu fiz a equipe de vôlei, eu participei com as crianças no campeonato escolar. Fiz de tudo, eu fiz chover em Alegrete! Porque não tinha professor de Educação Física e eu tinha uma experiência, então foi muito legal! E inclusive eu jogava também. Depois eu voltei e continuei com as veteranas. Depois, na década de 80, eu comecei a trabalhar muito aqui, de 86 eu entrei, eu trabalhava na Sub-Secretaria de Desporto, e aí eu não tinha mais tempo para treinar! Eu treinava de vez em quando, e aí eu parei um pouquinho mais. E depois que eu me... Quando eu comecei a treinar mais, eu acho que foi... De novo foi depois de 96, 97 eu já estava viúva, porque antes assim: ia ter campeonato, eu treinava um mês antes e ia competir. Nessa época aí. Mas aí depois faleceu o meu marido em 96, entrei para a faculdade e no Estado aí eu entrei em licença aguardando a aposentadoria; trabalhava só no particular, eu tinha uns dias que eu podia treinar, aí eu comecei a treinar

⁵² Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

⁵³ Salvador Allende, suicidou-se antes de entregar o poder às forças do general Augusto Pinochet que deram o golpe de Estado em 11 de setembro de 1973.

⁵⁴ Marca de sabão em pó.

de novo! *Aí, sou atleta de novo!* Competimos no sessenta, sessenta e cinco anos. Estamos agora organizando o campeonato brasileiro que vai ser lá em Nova Petrópolis⁵⁵.

K.D. - Como tu vê o andamento do esporte “master” aqui no Rio Grande do Sul?

K.C. - Olha, é organizado por nós principalmente. A gente que faz. Quem faz é a Diva⁵⁶. E a gente ajuda. A Diva, ela tem os contatos, ela vive para o esporte. Muito mais que eu ainda. Porque a Diva é isso. O esporte é para ela tudo. Não tem outra coisa! Para mim tem a família, os filhos, a família da... Eu gosto de fazer todas as coisas! Eu sou um pouquinho mais... Eu gosto de cantar, então tem um grupo de canto que eu vou na SOGIPA; eu gosto de trabalhos manuais e eu gosto de esportes. Então, eu tenho mais coisas! A Diva é só esporte que ela. Ela joga tênis, ela joga “paddle”, ela joga vôlei, eu não sei como ela agüenta! Ou pelo menos tenta. Por que a gente já não é mais... Mas a gente faz!

K.D. - A questão da Federação e a ajuda que a Federação deu para as primeiras competições, ou como... Para participação das competições, elaboração das competições de vôlei... Retroceder um pouquinho no tempo, eu ia te perguntar, como tu vias a Federação naquela época?

K.C. - Olha, a Federação organizava o campeonato. O campeonato, que não eram muitos times, era primeiro e segunda equipe, porque SOGIPA... Tinha mais algumas equipes que tinham mais gente; tinham mais... Então tinha o campeonato de primeira e segunda divisão. A gente começava na segunda divisão, então a SOGIPA tinha um time A - primeira divisão - e time B - segunda divisão. Treinavam juntos, mas jogavam separados. E essa Federação fazia isso e, depois, quando tinha campeonato brasileiro era através da Federação, então eles... Era diferente de hoje em dia! Tu fazias parte da Seleção Gaúcha e isso era uma honra. Tu seres da Seleção Gaúcha. Então tu jogavas vôlei pensando em um dia ser da Federação, da Seleção Gaúcha. A passagem era paga, a estadia lá era paga, e se participava. Daí depois tinha a Seleção Brasileira que também, tu já ser da Seleção Brasileira então *era* maravilha.

⁵⁵ Município da região serrana do Rio Grande do Sul.

⁵⁶ Diva Santiago Corrêa.

K.D. - Tu lembras, talvez, quais foram as primeiras... Quando que a Federação Gaúcha de Vôlei começou a elaborar competições femininas também?

K.C. - Pois é, eu não sei a data certa!

K.D. - Foi anterior à tua...

K.C. - Não, não, porque antes não existia a Federação de Vôlei. Era a FARG - Federação Atlética Riograndense - que organizava os campeonatos de vôlei e de atletismo. E depois, num certo momento, que eu não sei qual era, existiu a Federação de Vôlei⁵⁷. Tanto que eu voltei para a SOGIPA, do União, por causa disso, da FARG, porque eu não podia fazer atletismo e vôlei, num clube e outro no outro.

K.D. - Foi nessa época então, mais ou menos?

K.C. - Que depois disso foi. Aí depois havia a Federação de Vôlei, a FGV.

K.D. - É, bom...

K.C. - Mas, tu sabes que eu vou te fazer uma crítica para a Federação de Vôlei atual. Eu acho que eles não trabalham o vôlei aqui no Rio Grande do Sul como para fazer mais gente participar. Eu acho que eles tinham que se empenhar muito mais nisso, em ter maior número de gente. Agora eles fazem a competição que tem que fazer *e deu!* Podia haver muito mais coisas para fazer. Eu verdadeiramente considero isso. O cara... Eu trabalhei na Federação, na Sub-Secretaria de Desportos e a Federação de Vôlei era lá mesmo, naquela época, *eles não faziam nada!* [riso] Mas ganhavam bastante dinheiro, ser professor de Educação Física do Estado cedido para a Federação. Não sei da onde, mas, alguma coisa *dá dinheiro*, mas não dá muito trabalho!

K.D. - Tu chegaste a te envolver com alguma Federação?

K.C. - Não.

K.D. - Trabalhar como dirigente...

K.C.- Não, não, não.

K.D. - Em clube?

K.C. - Não. Eu, só na parte do escolar. No escolar eu organizei o campeonato escolar; na época que a gente organizava, mais de oitocentas crianças, a gente levava para as cidades, de cada esporte, era uma coisa muito grande e muito linda, muito bom mesmo de trabalhar nisso.

K.D. - Bom, a tua relação atual com o esporte então seria...

K.C. - Continua sendo, continuo...

K.D. - Competindo?

K.C. - Competindo, jogo, nós jogamos nas... Eu joguei o ano passado no campeonato de cinquenta e cinco anos, sessenta e sessenta e cinco. Cinquenta não. Apesar que me convidaram para jogar nos cinquenta mas eu estava com ... Eu fiquei com uma lesão depois do campeonato de sessenta anos, no ciático, porque a gente é assim... Tu vives com lesão, não é uma coisa que tu és “*rarara*”... Se tu não aqueces muito bem, viu, não faço todos... Se eu todos... Eu tenho uma sessão de ginástica de meia hora que eu faço todos os dias. Que entram abdominais, dorsais, um pouco de braço, trabalho com pesinho de braço. Uma coisa para te segurar, né? Não é uma musculação, é uma coisa para te agüentar.[riso] E, aí, com isso... Mas eu, no ano passado, no campeonato brasileiro, que foi em Friburgo⁵⁸, foi numa cancha de cimento. E eu levei dois tombos que eu acho que me prejudicaram bastante. Um, quando eu fui numa bola alguém pisou no meu pé, que eu não senti. E eu fui tirar e... [Karin bate as palmas das mãos] caí no chão. E outro foi uma bola que eu saltei para passar para o outro lado, veio uma correndo do lado, parecia que eu tinha sido atropelado por um touro, sabe? [risos] Ela me deu cabeçada e me *mandou* para o chão

⁵⁷ Federação Gaúcha de Volley-Ball, fundada em 27 de setembro de 1954.

⁵⁸ Nova Friburgo, Município do Estado do Rio de Janeiro.

também. E depois disso apareceu uma hérnia de disco e eu acho que tem a ver com essas quedas tão fortes no chão de cimento. É porque, sabe, tu pensas que não vai e *trololó* por dentro, assim... Foi bem forte! Por que uma coisa é tu te atirares e outra é cair. É diferente.

K.D. - Já teve alguma lesão que te afastou do esporte?

K.C. - Já. A primeira foi aquela vez que eu... [riso] torci o pé. Torsão de pé era comum. Aquela vez que eu torci o pé, meu pé parecia de *elefante*... Aí naquela época tu não ias... Tu não botavas gesso, tu ficavas uns dez dias com água vexete mineral, com o pé para cima, sem poder caminhar, [riso] fazendo compressas. Mas lesão, lesão, de repente o braço começa a doer, quando tu fazes aqui. Depois lesão no ciático. Mas nada mais forte! Tinha uma época num campeonato que eu não pude participar que eu estava com um problema de esporão. Eu acho que esse trabalho muito de pé, de dar aula de Educação Física e eu fiz fisioterapia muito tempo gente! Não podia pisar no chão, era horrível! Até que me fizeram uma infiltração e aquilo... Isso foi meio ano até que... Sempre com fisioterapia e com isso até que me fizeram infiltração e parou. Então sempre lesõeszinhas a gente sempre tem, mas eu sou meio cuidadosa com as lesões porque eu tenho medo, assim, de que... [toca o telefone]

[INTERRUPÇÃO DE FITA]⁵⁹

K.D. - Karin, como tu vê as mudanças de uma maneira geral que aconteceram no esporte feminino da época que tu começaste a praticar até hoje?

K.C. - Bom, ele se tornou científico. Apesar de que muitas vezes não se usa a parte científica para fazer as coisas, mas em geral toda a Educação Física mudou. Eu, dentro do voleibol, eu acho que a Liga⁶⁰ não foi uma coisa boa para o Rio Grande do Sul porque muita gente deixou de competir. Deixou de ser massa para ser... E é mais difícil que as pessoas do Rio Grande do Sul, por causa da distância, participem da Liga, fica muito caro. Antes, por último, os elementos que competiam aqui, eles podiam ser vistos num campeonato brasileiro, que era como uma vitrine dos atletas. Hoje em dia é muito mais

⁵⁹ Entrevistada atende o telefone

⁶⁰ Liga Nacional de Voleibol.

difícil. Tem que ser por indicação, e assim mesmo tu tens que sair... É toda uma coisa que se tornou mais difícil! O atleta, ao ser profissional, principalmente a menina, eu acho que ela se desliga muito cedo da casa, da sua casa. Ela perde muito com isso! Ela ganha esportivamente, mas perde bastante eu acho como pessoa. Vou te dizer porque eu trabalhei muito com esporte e eu vejo que as meninas, elas deixam de aprender, não as coisas de casa, mas coisas de higiene, coisas de estudo; elas se largam porque elas só dormem e jogam. Até podem estudar, mas falta ainda uma mão, porque elas são muito crianças, elas saem muito de crianças de casa. Eu acho isso que é uma dificuldade para a menina que faz esporte, porque a vida do esporte também é uma coisa muito curta. O voleibol com é uma coisa de esporte de conjunto, tu tens que sair de casa, né? Apesar que, hoje em dia com a “Internet” e “e-mail”, então essas coisas a gente sempre fica mais perto, já também, as coisas modificaram. Isso que eu acho! Que a Liga então prejudicou o voleibol dentro do Rio Grande do Sul porque ele deixou de existir. Voleibol adulto, praticamente não tem feminino. Ou, se tem, é muito fraco mesmo porque, se tu és boa, se tem treze anos vai para Rio, São Paulo. E tu deixas, aqui não existe mais. E por isso que eu acho que a Federação tinha que fazer alguma coisa para reverter isso. Se fosse uma boa Federação ela ia fazer alguma coisa que acontecesse. Tu podes te juntar com outros Estados, que sei eu, fazer alguma coisa, não simplesmente deixar as coisas correrem. Eu penso isso.

K.D. - E a questão, assim, das dificuldades para ser atleta? Durante a tua carreira tu notaste alguma dificuldade maior? Percebeste alguma espécie de preconceito em algum momento?

K.C. - Não. Não. Me senti sempre muito bem, gostei do que eu fiz, sempre dentro da minha profissão e do meu esporte, eu sempre fui muito bem e gostei. Como eu tenho uma filha que foi atleta eu notei a diferença da época dela da minha. Ela foi profissional, ela jogou no Rio, ela jogou na Itália, jogou na Seleção, viajou por todo o mundo. Mas eu era muito contra o profissionalismo antigamente e chegou num momento que eu disse: “Bom, tu tens que ser profissional porque tu tens que trabalhar ou jogar, não tem mais essa de tu fazeres o esporte enquanto tu estás jogando, estudando ou qualquer coisa”. Ela também é professora de Educação Física, se formou no Rio, Gama Filho⁶¹ e ela foi uma das primeiras profissionais no Brasil, da primeira leva de profissionais de vôlei. Tem o joelho operado cinco vezes, acho que isso sempre deixa, quer dizer, eu acho que hoje em dia não sei se é,

mas no começo disso as pessoas são muito mais exigidas do que verdadeiramente podem. Tanto que, atletas da minha época são poucas as que ainda jogam porque tem problema de coluna, problema de joelho, quer dizer, deixa o esporte, sendo tão praticado sem se ter um acompanhamento verdadeiramente científico, ele é danado. Eu por sorte continuo jogando mas também não sei por quanto tempo mais.

[FINAL DA FITA 29/01-B]

K.D. - Karin, eu te perguntava a respeito da questão do esporte ter um caráter mais científico, ser classificado uma evolução.

K.C. - Nesse momento, como o esporte é profissional, como tu passas oito horas por dia jogando, tem que ser científico; eu acho que é uma evolução. Ele deixou de ser uma coisa tão social, porque eu acho que era mais... No meu tempo era mais isso, social, a sociabilidade era muito trabalhada. Como... E hoje é um “show”. Não é mais um esporte é um “show”. Assim como a bailarina que faz um “show”, o esportista também. Quando ele chega nessa, nesse estágio. E a criança começa muito cedo. Então, tem duas coisas: uma a criança começa muito cedo e chega na época da faculdade e desiste não faz mais, e nunca mais faz porque fez demais de criança ou aquela que segue carreira. Então eu acho que falta um meio termo. Esse grupo, como nem nós, que continua jogando até os sessenta e sete anos, setenta [riso] não sei se vai haver. E eu acho que é importante. É importante tu fazeres alguma coisa e achar um tempo pra ti de lazer, um tempo pra tu conseguires fazer isso aí. Por que se tu gostares de fazer alguma coisa tu não tens que deixar de fazer ela e não fazer mais dessa maneira intensiva. A minha filha, eu não sei se é exemplo meu, ela continua jogando vôlei, é fome de bola mesmo, ela tem os grupos de trinta, de quarenta anos que ela participa da SOGIPA, mas a maioria que jogou com ela já não joga. Porque, claro, porque tu trabalhas, tu tens mil coisas, então tu não tens tempo pra treinar. De noite tenso marido que tu tens que atender, então tem... O marido dela também é do esporte e ele topa. Ele é diretor de vôlei da SOGIPA então, a coisa fica fácil. Agora tem o problema do joelho dela que também atrapalha bastante. Mas o que eu vejo é, que gente que era boa na minha época, já não faz mais, não faz mais.

⁶¹ Universidade Gama Filho.

K.D. - A questão do pertencimento ao clube também tu acreditas que tenha mudado?

K.C. - Como pertencimento? O que tu queres dizer?

K.D. - Pela camiseta, pela questão de não ter essa mobilidade para trocar de clubes...

K.C. - Aqui antes, havia?

K.D. - Que tu nos falaste do União e da SOGIPA, que deveria jogar e praticar o atletismo para...

K.C. - Isso é que... Naquela época era porque era FARG. E depois era uma associação para dois esportes, então tu tinhas só uma filiação. Isso é bobagem, né? Eu acho que tu podes ser, tem que ser independente. Antigamente, mesmo que tu mudasses de um clube pra outro, tu tinhas que na primeira vez fazer um ano de não jogar. Segunda vez era dois anos. Então os clubes se precavam de perder os atletas nos quais eles tinham, entre aspas, feito alguma coisa para eles crescerem. Fora de dar o ginásio e o técnico que não era técnico, né? Mas era uma coisa que existia! Acho que isso não tem necessidade, não vejo, assim, importância. Mas o que eu acho é que tinha que haver mais categorias. Mais categorias para competições, *mais* oportunidades para todas as pessoas fazerem. Tem gente que tem condições, meninas que crescem muito rápido e não tem condições de jogar, porque perderam aquela coisa de pernas e braços... O vôlei para as pequeninhas, [riso] coisas assim... Tu tens que ter chance para que as pessoas possam continuar fazendo o que o... Eu trabalhei no CETE⁶² no voleibol. Eu tinha *sempre* tinha filas de pessoas que queriam aprender. Mas elas chegavam aos dezesseis anos e não tinham mais onde jogar. Tinha que haver alguma coisa, que essas pessoas pudessem continuar a praticar o esporte competitivo, sem então o alto grau, um meio termo, para que o esporte seja vivido como uma coisa social, com uma sociabilidade e a competição faz parte disso! Não quer dizer que a competição seja daninha. Uma sociabilidade, um conagraçamento, uma coisa assim que eu acho importante.

K.D. - Por fim eu gostaria de perguntar sobre o apoio da mídia para o esporte...

K.C. - Atual?

K.D. - Atual e como era antigamente.

K.C. - Antigamente havia muito. Quer dizer, quando tinha uma competição já aparecia antes, assim como aparece no futebol [riso]: “Fulana vai competir em tal coisa...”, aparecia bastante. Cada vez menos. O esporte amador é pago e sai aqueles pedacinhos. Tinha antigamente um repórter, que era repórter do esporte amador, ele ia assistir as competições e levava os resultados e ia e fazia, existia. E a gente gostava disso. Era uma coisa que aparecia o teu nome no jornal, os conhecidos viam, então era uma coisa muito importante e isso não existe mais. Não existe mais porque é muita gente praticando, fica... Mas isso era uma coisa muito legal que havia antes. Não dá, mas hoje em dia a mídia é paga só apresenta coisas pagas. Eu acho que devia ter “sites” na “Internet” disso. Então se tu te interessas tu entras ali e vê o que está acontecendo, isso aí ainda falta. Mas a Federação podia fazer uma coisa dessas. Fazer que... Existe um... Eu tenho um sobrinho... Meus guris são do punhobol. Agora eles fizeram um campeonato em praças, de punhobol, num lugar que eles conseguiram e pela “Internet” eles se inscrevem e vão competir lá. Aí então eles fazem sábados, torneios e... Essas coisas, sabe? Se a Federação fosse mais *envolvida* e fizesse uma coisa assim: tu te inscreves ali, pela “Internet”, vai, e as coisas vão aparecendo. Dá para fazer coisas muito lindas!

K.D. - Ou seja, é importante a comunicação...

K.C. - Como a comunicação hoje em dia é via “Internet”... Porque o jornal, não tem lugar para tudo isso nem gente interessada para vender e por causa disso... Esse é um filão que não está sendo explorado.

K.D. - Como tu te sentias quando tu aparecias...

K.C. - Bah, o máximo!

K.D. - Nas várias fotos no jornal?

⁶² Centro Estadual de Treinamento Esportivo do Estado do Rio Grande do Sul.

K.C. - Por isso que a gente recortava, a gente era uma estrela. Por isso te digo: o esporte me fez mudar de uma menina muito encabulada para uma pessoa que vive sua vida de bem com a vida. Foi a coisa que me fez - e vou te dizer uma coisa: quando eu comecei a saltar e vi que saltava bem eu comecei a saltar por cima de tudo, tinha uma cerca e pulava por cima. *Era a coisa que eu sabia fazer!* [riso] Isso te mostra que, quando tu fazes bem uma coisa, tu fazes. Ainda bem que eu não era boa no peso senão ia começar a atirar pedra, [risos] acho que ainda era pior... [risos] Então é isso!

K.D. - Karin, eu gostaria de te agradecer, agradecer a tua atenção, de falar com a gente, dar o teu depoimento, a tua história de vida...

K.C. - Foi legal, foi legal! Gosto de fazer isso, porque eu acho muito legal passar coisas que a gente viveu. Acho legal isso que vocês estão fazendo, esse trabalho é importante. Talvez para modificar um pouquinho essa nossa coisa aqui de ponta do Brasil que não tem contato com o outro e para fazer muito mais pessoas poderem vivenciar essa coisa que a gente vivenciou, que foi tão bonita e que eu acho que de outras maneiras, porque sempre muda, também outras pessoas jovens podiam fazer. E esquecer um pouquinho aquilo que hoje em dia, o pessoal é tão preocupado com a sua beleza corporal e esquece essa outra parte que também é importante, do conagraçamento através do esporte, essa coisa que é tão importante. Não precisa ser só *modelo*. Que hoje em dia parece que é só isso que importa.

K.D. - Gostaríamos de saber que a gente pode contar contigo, caso a gente venha a precisar de mais alguma coisa...

K.C. - Sempre que tu quiseres. Eu vou te mostrar então mais alguma coisa...

[FINAL DO DEPOIMENTO]